

## Semiótica da comunicação: *o re-ordenamento cognitivo dos sistemas semióticos*

Irene Machado (PUC-SP)

### Resumo

Esse artigo propõe discutir bases teóricas da noção de semiótica como ciência da comunicação. O ponto de partida é a noção de comunicação como *problema semiótico*, particularmente naquilo que o distingue do problema filosófico. Contudo, antes de firmar diferenças, o que se tem em mente é a necessidade de compreender a natureza do problema semiótico. Para isso, a exposição se orientou de acordo com o seguinte contexto. Conceito semiótico da comunicação: a metáfora epistemológica do cosmos dialógico; Comunicação como mecanismo semiótico da cultura e como processo organizador da informação; Interconexão como força modelizante entre sistemas e códigos culturais; A abordagem semiótica e o re-ordenamento cognitivo dos sistemas comunicacionais.

**Palavras-chave:** epistemologia, semiose, mediação, informação, cognição, interconexão, transdisciplinaridade.

### Comunicação, um problema semiótico?

Não foram poucos os esforços empregados pelos teóricos comprometidos com a sistematização da teoria geral do signo e do redimensionamento das significações para defender a noção de *semiótica como ciência da comunicação*. Contudo, enquanto a abordagem da comunicação se concentrou na valorização da linguagem humana e da codificação verbal, todas as formulações se reverteram em benefício da lingüística. Apesar de um dos pressupostos da teoria geral do signo seja a compreensão de que comunicação se alcança uma ampla classe de manifestações e fenômenos, somente quando a noção de comunicação passa a cobrir esferas da linguagem que excedem o contexto da linguagem verbal humana – caso das linguagens artificiais e das linguagens geradoras da comunicação mediada – é que a semiótica parece ganhar uma certa legitimidade que ainda está longe de ser considerada razoável. A idéia de que o mundo semiótico excede os limites da linguagem humana e que, paradoxalmente, palavra também é fonte de linguagens artificiais, uma vez que os códigos culturais modelam linguagens em nada semelhantes à codificação verbal, são evidências diretas nesse sentido.

Se semiótica é, de fato, ciência da comunicação – como estamos empenhados em compreender nesse artigo – que princípios a diferenciam da filosofia da linguagem, da teoria da comunicação e da informação, para que se possa considerar suas questões centrais como semióticas e não filosóficas, no sentido estrito do termo?

Buscar respostas a essa questão tanto pode explicitar o campo de investigação do qual temos por objetivo travar aproximações, quanto pôr em evidência um outro ordenamento cognitivo entre sistemas semióticos. Tudo porque nem linguagem é estrutura de codificação única, nem os códigos cabem nos limites de uma única configuração, nem tampouco os

sistemas semióticos são compartimentos delimitados em si. Nada disso, porém, fará sentido se não estiver amparado pelo conceito semiótico de comunicação.

Uma das propriedades inalienáveis da comunicação é a capacidade de organizar informações em mensagens valendo-se, para isso, de linguagens com diferentes codificações. Uma das características fundamentais da semiótica é a compreensão do *modus operandi* dos signos no processo de criação das significações a partir das relações estabelecidas em atividades interativas que acontecem entre homens, organismos, aparelhos e máquinas ou em qualquer outra atividade de linguagem. Nesse sentido, todo ato comunicativo mostra-se, a um só tempo, produtor e resultado de algum tipo de enredamento sógnico. A linguagem é a potencialidade da base tanto organizadora da comunicação quanto criadora da rede semiótica. Ainda que comunicação seja uma força inegável da síntese semiótica, a teoria dos signos e das significações não tem sido considerada seu limite de estudo. Prova disso é que as ciências da comunicação ainda não incorporaram os instrumentos teóricos da semiótica na investigação dos problemas comunicacionais.

Entendo que o que está na pauta de discussão são questões metodológicas de estudo da comunicação, dos signos comunicacionais e da condição semiótica da cultura que se tornou complexa após o advento do que se convencionou chamar de era da informação. Informação tornada, assim, elemento chave aos dois domínios de investigação, da comunicação e da semiótica. Afinal, que são os signos senão uma espécie de arranjo conjugado de *bits* e de partículas de informação que a linguagem codifica e oferece como mensagem? Tal é o contexto de impregnação mútua que me parece fundamental para a compreensão do conceito semiótico de comunicação e, ao mesmo tempo, do tangenciamento de seus limites. Procuro considerar zonas de atração e zonas de refração. Lidar com esses limites não tem sido tarefa fácil. Ficarei satisfeita, portanto, se nesse breve artigo conseguir esclarecer a linha de raciocínio que não hesita em defender a noção de comunicação como um *problema* semiótico, uma entrada ao *habitat* natural de signos. Para isso não posso me furtar a esclarecer o campo conceitual de comunicação com o qual a semiótica lida.

Passo imprescindível para essa tarefa é a explicitação do que estou considerando aqui um *problema semiótico*. Diferentemente do problema filosófico, uma questão que se coloca com vistas à resolução, o problema semiótico nasce no bojo de uma reflexão filosófica porém distingue-se dessa pela sua natureza: *sua essência são os signos que se manifestam em algum tipo de codificação e de linguagem*. Nesse sentido, o problema semiótico é sempre uma emergência: seu surgimento está condicionado à dinâmica da própria semiótica. Quanto mais descobertas de signos, maior será a complexidade e a extensão do problema semiótico. Por

isso, não se buscam soluções, mas encaminhamentos para questões. Ao fazê-lo, não descarta os “erros prováveis” que obrigam a um re-posicionamento, um re-ordenamento de idéias. O problema semiótico uma vez posto obriga um deslocamento no ângulo de visão – deslocamento que opera por tradução. Em vez de resolução, há a ampliação do escopo de sua condição. Tem, portanto, um caráter pragmático: é formulado com vistas à ação. Nesse sentido, a semiótica identifica um problema onde, muitas vezes, outras áreas do conhecimento nada vêem. A semiótica só pode ser uma aliada da filosofia se sua potencialidade especulativa tiver como alvo a análise de conceitos complexos – por exemplo a própria semiótica – com exatidão.

Isso é fundamental quando o alvo do estudo são os fenômenos da linguagem. Para a abordagem que considerou primordial investigar a comunicação como problema semiótico – a semiótica da cultura – o problema é o processo de transmissão de mensagens sejam elas quais forem. Situar o *lugar* onde essa abordagem acontece, quer dizer, a *cultura*, é uma forma de falar igualmente da natureza dos fenômenos estudados. Somente a partir dos sistemas semióticos considerados como construções sógnicas podem propiciar o surgimento de problemas semióticos em sua emergência, em seu devir, em seu inacabamento. Devemos ao semioticista Iuri Lotman a formulação de que o mecanismo da cultura é essencialmente semiótico. Não é outra coisa que reconheceu também o antropólogo Clifford Geertz. “*O mecanismo da cultura*” - diz Lotman – “*é um dispositivo que transforma a esfera externa em interna, a desorganização em organização, os profanos em iniciados, os pecadores em justos, a entropia em informação*” (Lotman 1998: 34). Se cultura é lugar das mais radicais semióses, como não explicitar o lugar onde se agenciam os problemas que conferiram uma outra dimensão aos problemas filosóficos?

O ponto de partida não é sequer uma premissa filosófica, mas sim aspectos da teoria da informação e da comunicação, particularmente aqueles que dizem respeito modo como as transmissões ocorrem. Nesse caso, a problemática da transmissão não se esgota no reconhecimento do canal, aliás, este é o grande desconhecido. Na verdade, isso é um problema uma vez que mensagens não são criadas tendo em vista apenas o estabelecimento de um único canal ou uma única língua. Os semioticistas russos não duvidam de que o caráter semiótico de uma mensagem reside em sua condição de ser codificada, no mínimo, duas vezes. Quer dizer, toda mensagem pressupõe códigos de emissão que não são os mesmos que aqueles da recepção. O problema semiótico é a duplicidade ou multiplicidade de codificação.

O problema semiótico surge, portanto, do questionamento da idéia que considera transmissão de informação como uma via de mão única e direcionada de um emissor para um

receptor. Na verdade, é o pressuposto da língua que está sob suspeita. Nesse caso, em vez de a informação ser considerada a troca que parte de um emissor e chega a um receptor por meio de um único canal (a codificação lingüística), a informação é, antes de tudo, tradução, re-codificação. Na verdade, o que se transmitem são textos em linguagens e codificações específicas. A transmissão envolve mecanismos de troca entre códigos que não são necessariamente os mesmos. Não se pode esquecer que, na raiz etimológica de palavra transmissão está *trans-* ou a passagem para uma outra esfera que lhe é exterior.

Que esfera é essa?

Evidentemente não se trata de uma abstração, mas de uma reflexão que entende a comunicação como processo cultural. Por que é mecanismo vital da cultura – da esfera do *bio* ao *socius* – é que a comunicação pode ser pensada como problema semiótico, capaz de explicitar conexões que envolvem diferentes sistemas semióticos da linguagem. O problema semiótico é fruto emerge sempre dos processos de transmissão – dessa ação que se desloca para o exterior. É na emergência que surgem as mediações, as contaminações, e, por isso mesmo, os novos sistemas. Tais conexões é que desencadeiam o ordenamento que estamos anunciando como propulsor da ordem cognitiva modelizante onde linguagem é ação da semiose, ainda que possamos identificar, na linguagem social, por exemplo, a estrutura da codificação verbal.

### **Sobre a investigação do problema**

Ainda que não pare nenhuma dúvida sobre a natureza sógnica da linguagem, seja qual for o sistema de codificação que a modeliza, não são nada evidentes os elos que unem os campos da comunicação e o da semiótica do ponto de vista das implicações epistemológicas. A investigação dos fundamentos semióticos da comunicação, seja em sua vertente teórica, seja em sua atividade de análise aplicada, ainda tem muitos obstáculos a vencer para ganhar a legitimidade que lhe é devida. Um olhar de relance sobre a pesquisa científica no campo da comunicação será suficiente para detectar a quase ausência dos instrumentos teórico-semióticos. Pior que a ausência, porém, é o não-reconhecimento do potencial crítico-teórico da semiótica em abordagens cujo pensamento apresenta uma orientação radicalmente *semiótica*. E no entanto, chamar atenção para isso, é intromissão certa de uma *persona non grata*.

Contradição? Paradoxo?

Não me parece.

Minha tendência é acreditar que qualquer negativa ou omissão reflete tão-somente o caráter e de uma disciplina que tem por tarefa propor encaminhamentos para a ordenação do próprio pensamento científico. Daí a necessidade de uma decantação do conceito de comunicação para flagrar os limites. Essa hipótese começou a ganhar peso com o crescimento das linguagens da comunicação. Uma coisa é falar de linguagem e ter em mente um processo de codificação consolidado; outra bem diferente é falar em linguagem e encontrar mediações de “códigos” cuja formação é pelo contágio ou rebatimento. É para compreender essa imprevisível e progressiva complexidade que se pode recorrer às teorias semióticas. É isso que quero dizer quando afirmo que a semiótica tem por tarefa realinhar o pensamento científico. No caso de algumas mediações é a própria comunicação que carece de esclarecimento.

Reconheço, todavia, que esse posicionamento não está livre de questões; não se trata de uma premissa incondicional. Pelo contrário, tenho consciência de argumentos em contrário como aquele segundo o qual “o silenciamento das teorias da comunicação acerca da dimensão semiótica” tem sido atribuído “ao modo como a própria semiótica se inscreve no campo dos problemas comunicacionais”<sup>1</sup>. Quer dizer, a semiótica tem se revelado como “discurso dos discursos” e, graças a essa estratégia, corre o risco de se transformar numa “ideologia semiótica” por ver o signo, ou mesmo a comunicação, em tudo. Na base desse posicionamento está a questão: afinal, em que medida semiótica se distingue da filosofia da linguagem? Ou, o que é pior ainda, “para que serve a semiótica se não consta do rol de suas intenções resolver os problemas comunicacionais”?

Não é simples responder a tais questões. Lembro, a propósito, que a abordagem semiótica que se constituiu como ciência da comunicação defende não apenas a semioticidade do pensamento como a natureza semiótica da própria ideologia. Paradoxalmente, tais formulações reproduzem o posicionamento de dois filósofos que orientam a perspectiva semiótica sobre a qual se ergue minha reflexão. De um lado, o americano Charles Sanders Peirce a argumentar sobre a impossibilidade de se pensar sem signos (Peirce 1980: 67); de outro, o russo Valentin Volochinov a afirmar que sem signos não existe ideologia e, tampouco, consciência (1986: 9). Tais idéias podem nos ajudar a pensar nos diferenciais que

---

<sup>1</sup> Tal posicionamento tem sido alvo de crítica que tenho recolhido em debates sobre o caráter semiótico da comunicação quando apresento a defesa da semiótica como uma abordagem que opera com os constituintes do ato comunicativo em todas as esferas de sua manifestação (entre homens, máquinas, organismos). Adotei a estratégia dialógica das aspas para mapear palavras de meus interlocutores que criaram um contracampo dialógico das idéias a partir das quais comecei a escrever esse artigo.

não anulam a semiótica só em relação à filosofia da linguagem como também. Não se trata de oposição, mas de pensar a emergência que se formou no interior do próprio sistema filosófico.

Um dos mecanismos formadores dessa emergência se constituem, sem dúvida alguma, pela própria noção de signo como um dispositivo dinâmico das relações. A afirmação segundo a qual o signo se define pela ação de substituir algo se justifica pelo fato de essa ação ser deslocamento entre duas esferas de consideração. Ou, como diriam os semioticistas russos, de Volochinov a Lotman, passando evidentemente por Bakhtin, deslocamento que tanto aponta para o exterior como traduz o externo em interno. Reflexão e refração definem o caráter do signo que pode, assim, modelizar a informação exterior ao sistema. Nesse sentido, o núcleo conceitual duro da semiótica é semiose ou ação do signo. Modelização, mediação, re-codificação são apenas outras formas de nomear a semiose, como terei oportunidade de dizer em outro momento.

De uma coisa tenho certeza: não é da semiose entre os sistemas comunicacionais da cultura, com todos seus dispositivos de codificação e transcodificação, que trata a filosofia da linguagem. Essa é a tarefa da semiótica da comunicação que jamais pode considerar a análise de qualquer produção sígnica independente da recepção e da interpretação, ou melhor, da instância do interpretante. Nem mesmo essa premissa pode ser considerada abstração.

Conhecer o relacionamento entre sistemas é pensar sobre a outra ordem cognitiva dos signos na comunicação onde a dimensão de sentido não pode prescindir do conhecimento das linguagens e de suas codificações.

Não estamos aqui para disseminar nenhum tipo de “imperialismo semiótico” mas tão somente garantir a coerência de uma investigação que tomou por tarefa esclarecer problemas com vistas a uma ação e, por isso mesmo, se ergueu sobre a noção de consciência como evento semiótico e, enquanto tal, vê signos onde nem todos podem alcançar esse tipo de relação.

### **Decantação de um conceito ou o nascimento de um novo domínio de idéias científicas**

Sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto, mas tão-somente para pontuar alguns temas convergentes, minha hipótese inicial é que, toda e qualquer investigação sobre diversidade, complexidade, sistemas, representação, interatividade, ideologia, organização, complementaridade, mídias, tecnologia, corpo, cultura, conhecimento, vida — a relação poderia continuar *ad infinitum* — não pode prescindir da dureza quanto à natureza conceitual da comunicação. Quanto mais se expande esse domínio, mais diversificados e complexos se

tornam os signos de suas linguagens. Quando se atua num desses domínios, a falta de precisão conceitual pode ser fatal ao avanço da pesquisa.

Não é muito difícil exemplificar esse ponto de vista. Tenho seguido com muita atenção o interesse que as ciências do campo cognitivo têm demonstrado pelo fenômeno da comunicação e seu papel no desenvolvimento da cognição. O ponto de partida é o mapeamento do campo conceitual. Para os cientistas essa é tarefa preliminar sem a qual não se adentra no domínio específico da pesquisa. O conceito ilumina o próprio objeto de pesquisa. Um relance de olhos no quadro de conceitos que as diferentes ciências formulam para comunicação pode ser um caminho para a compreensão do que quero dizer.

### Conceitos de comunicação nas ciências cognitivas

(Hauser 1996: 7)

**Sociobiologia** - "Comunicação acontece quando a **ação ou pista dada** por um organismo é percebida, alterando padrões de probabilidade de comportamentos em outros organismos para um modo de adaptação para um ou ambos participantes" (E.O. Wilson, 1975: 111).

**Etologia** - "Comunicação é a **transferência da informação via sinais** enviados num canal entre emissor e receptor. A ocorrência da comunicação é reconhecida pela diferença no comportamento de um reputado receptor em duas situações que difere somente na presença ou ausência do suposto sinal ... o efeito de um sinal pode ser prevenir mudança na saída da recepção ou manter um estado comportamental interno específico de prontidão" (J.P. Hailman, 1977: 52).

**Ecologia sensorial** - "A expressão 'comunicação verdadeira' se restringe a casos no qual o organismo transmissor **engaja-se num comportamento adaptável**, principalmente porque ele gera um sinal cuja interação mediada é igualmente adaptável ao organismo receptor" (D.B. Dusenbery, 1992: 37).

**Ecologia do comportamento** - "Processo no qual **atores usam sinais** especialmente construídos ou arranjos para **modificar o comportamento** de reagentes" (J.R. Krebs & N.B. Davies, 1993: 349).

**Neuropsicologia** - "O termo é usado aqui em sentido estrito para se referir a comportamentos através dos quais um membro de uma espécie **transfere informação** para outro membro da espécie" (D. Kimura, 1993: 3).

**Psicologia cognitiva** - "Comunicação é um problema de **influência causal**. ...O comunicador [deve] construir uma **representação interna** do mundo exterior e então ... externalizar algum comportamento simbólico que transfira o conteúdo dessa representação. O receptor deve primeiro perceber o comportamento simbólico, isto é, construir sua representação interna e então recuperar dela uma posterior representação interna do estado que ela significa. Este passo final depende do acesso às **convenções arbitrárias** que governam a **interpretação** do comportamento simbólico" (P.N. Johnson-Laird, 1990: 2-4).

**Linguística** - "A comunicação humana ... inclui formas de **comunicação verbal** como a fala, a linguagem escrita e a linguagem dos **signos**. Compreende modos não verbais que não invocam a linguagem propriamente dita mas que constitui todavia aspectos extremamente importantes de como nós comunicamos. Quando interagimos, fazemos vários gestos - alguns vocalizados e audíveis, outros não vocalizados como formas de movimentação dos olhos, da face e do corpo. Sejam eles intencionais ou não, esses comportamentos carregam grande quantidade de **significado comunicativo**" (B. Lindblom, 1990: 220).

Se a formulação adotada tem poder de definir não apenas o objeto que se pesquisa como também os fundamentos teóricos que a orientam, não foi sem muita surpresa que encontrei, nesse mapeamento, uma constante utilização de noções reconhecidamente *semióticas* (ver particularmente destaques em negrito). *Transferência, mudança de comportamento, representação, influência, pistas, significado, interpretação, convenção* são algumas das balizas conceituais de que se vale a teoria geral dos signos para diagnosticar a natureza semiótica da comunicação. Quero dizer: daquele ato ou processo que se organiza em função de algum conjunto de signos.

Disso nenhum dos cientistas desconfiam. Por conseguinte, o eixo básico pelo qual se movem os discursos – do físico ao biólogo; do etólogo ao geneticista – é modulado por fatos semióticos. *Signos, códigos, sistemas, símbolos, interpretação* são palavras chave para a formulação do conceito como enigmas que devem ser decifrados por essas mentalidades inquietas para que a formulação não corra o risco de imprecisão. O cientista, sem ter a mínima noção, se vê na pele do semioticista: o objeto surge diante de seus olhos através de códigos e até sistemas de escritas que exigem leitura mas cujo alfabeto é, muitas vezes, desconhecido e cuja gramática está muito além daquela legada pelo aprendizado escolar.

Como prescindir de uma alfabetização semiótica para adentrar nesse universo de signos comunicacionais para que o próprio conceito ganhe propriedade? Como decantar o conceito eliminando as vértebras elementares de sua articulação?

Evidentemente há uma resposta que gostaria de refutar *a priori*. Trata-se da consideração segundo a qual a adoção de um mesmo campo semântico pelas mais variadas disciplinas tende a abstrair os problemas específicos de cada campo. Minha postura se orienta pelo alerta do semioticista russo Iuri Lotman segundo o qual quando um termo tem seu campo semântico dilatado, a ponto de prejudicar sua monossímia, isso não pode ser entendido como precariedade conceitual, generalismo, para não dizer, vale tudo. Trata-se de algo muito mais complexo. Isso é o mais nítido sinal de que um novo domínio de idéias científicas está emergindo. Isso Lotman afirmou com relação ao conceito de texto (Lotman 1996: 91).

Vivenciamos, mais do que nunca, um momento da cultura em que tudo é texto (Machado 1999: 41-61). Entendo que é exatamente isso que os semioticistas estão verificando com relação ao signo e à comunicação, isso para ficar com os objetos de nosso interesse. Compreender esse novo domínio de idéias é o grande desafio para a semiótica. Na verdade, isso faz parte da compreensão do problema anunciado.

Antes que essa referência à investigação de Hoffmeyer possa despertar qualquer tipo de equívoco, vale a pena lembrar que não é o problema biológico que está na pauta da discussão mas sim sua transformação em informação que é codificada de alguma maneira para se dar a conhecer. Ou, como entendem os semioticistas russos, o que está em jogo é a culturalização da informação biológica e, conseqüentemente, sua semioticização. Isso é tarefa da semiótica da comunicação como um novo domínio de idéias científicas.

A análise da comunicação nos mais variados sistemas exige uma precisão conceitual da comunicação de onde não se eliminam os fundamentos semióticos a saber: codificação, significação, interpretação, relacionamento solidário entre diferenças, diálogo e organização de estruturas.

Se recorri ao campo das ciências cognitivas para demonstrar como, segundo minha ótica de visão, o campo da comunicação está impregnado de agentes semióticos, foi simplesmente para situar uma tendência em franco desenvolvimento. Estou me referindo ao fenômeno da *culturalização da natureza* em prol do conhecimento da complexidade cada vez maior dos fenômenos. Por culturalização da natureza temos entendido o crescente processo de semioticização da cultura que pode ser lida como textos organizados em linguagens específicas (Lotman, 1998). Daí o livre trânsito entre as esferas do *socius*, do bio e do *semion* – campos onde se manifesta comunicação.

### **Semiótica da comunicação e a atualidade da arqueologia do conhecimento sobre os signos**

Embora o panorama traçado configure a perspectiva da cultura contemporânea, na verdade há uma tradição do pensamento semiótico procedente da Antigüidade clássica que delineou abordagens cuja via foi a comunicação. Trata-se de uma tradição que se desdobra entre aquilo que o semioticista italiano Umberto Eco definiu como “*as recentes negativas da semiótica e a inegável presença da semiótica no passado*” (cf. Manetti 1993: xiii). Nesse sentido, a ausência, o não-reconhecimento e até mesmo as formulações omissas sinalizam para um inequívoco aperfeiçoamento de um modelo de análise semiótica que, paralelamente

àquele formulado pela lingüística, evoluiu para a semiologia e agora é continuado e aperfeiçoado pelas chamadas *linguagens da comunicação*, seus códigos, suas gramáticas e seus meios. Recuperar essa tradição e situá-las junto as práticas contemporâneas faz parte do projeto genericamente denominado *semiótica da comunicação*. Com ele se procura reafirmar a semiótica como disciplina teórica paradigmática capaz, portanto, de redesenhar o percurso da história e tornar-se “*arqueologia do conhecimento sobre signos*” (Manetti 1993: xiii). Contudo, é bom que se esclareça: a reconsideração das teorias do signo, tal como foram praticadas ao longo de uma tradição que se inicia na Antigüidade, deve servir tão-somente de incentivo para a retomada da transdisciplinaridade. Afinal, para os antigos, literatura, medicina, história, filosofia, retórica, artes, eram domínios de signos. Por que as ciências da informação e da comunicação; as ciências sociais, cognitivas e biológicas; a literatura, a arte e a tecnologia não podem ser igualmente domínio de signos?

Assim, sob a denominação *semiótica da comunicação* reúnem estudos ocupados com a depuração conceitual da comunicação com vistas a alcançar seus vastos domínios, sobretudo aquelas esferas ainda difusas. Trata-se, em última instância, de buscar a convergência crítico-teórica entre comunicação & semiótica como forma de garantir a legitimidade de uma área de conhecimento que surgiu para defender a diversidade e pluralidade das linguagens da comunicação que anima diferentes esferas de vida da cultura planetária.

*Semiótica da Comunicação* pode ser definido como um domínio de idéias científicas no sentido lotmaniano do termo. Abriga estudos sobre as linguagens dos diferentes sistemas da comunicação à luz das diferentes teorias do ciclo semiótico que hoje constituem campos diversificados de análise do signo, dos processos de significação, dos modelos de representação e, particularmente, das manifestações comunicacionais emergentes. Aqui **comunicação é, de fato, um problema semiótico**, cujos desafios crescem à medida que as linguagens se expandem criando inusitadas possibilidades de significação. Tomou-se o imperativo da investigação que toma o signo como objeto de estudo e a comunicação como um campo de conhecimento *múlti* e *transdisciplinar*. Como espaço de redimensionamento da própria semiose, esse domínio propõe abrigar estudos teóricos, leitura e análise crítica das linguagens, das mensagens, dos produtos, dos processos, das mediações e interações sócio-culturais sem as quais não é possível falar nem de comunicação nem de semiose.

Já que falei de semiótica em nome de uma arqueologia do conhecimento sobre os signos, convém lembrar que o reconhecimento dos pressupostos semióticos se iniciou na esfera discursiva. Não é sem motivos que mesmo quando o tópico de estudo são as mídias, é a análise do discurso que garante a presença da abordagem semiótica. Isso porque discurso

implica produção de sentido. E esse é de fato uma das preocupações que sustentam uma tradição de estudos semióticos.

O primado da significação nos estudos semióticos é, igualmente, um dos pressupostos mais antigos na teoria dos signos que tem na comunicação um limite. Dentro de uma certa tradição filosófica, onde é possível situar, sobretudo, o pensamento de Santo Agostinho, Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, a *comunicação* é produto da *significação* das mensagens. A base fundadora desse raciocínio é a suposição de que: se linguagem é um elo vigoroso da interação dos indivíduos entre si e com o ambiente que os cerca, a comunicação só pode ser pensada como resultado de um circuito de relações onde a informação é o impulso e a significação, a meta. O circuito da comunicação assim concebido está fundado numa equação em que a *significação* está para *comunicação* do mesmo modo que *informação* está para *significação*. Com isso, torna-se impossível qualquer consideração em separado. Com base em argumentos como esse, *comunicação* e *informação* passam a ser consideradas duas faces de um mesmo fenômeno – a *significação*.

Essa linha de raciocínio justifica a primazia da significação para o desenvolvimento de abordagens profícuas dentro do ciclo semiótico, caso da produção de sentido e da teoria do interpretante. Na verdade, as várias linhas de análise da significação debruçam-se sobre a intrincada problemática de desenvolvimento da competência semiótica – condição elementar da existência de signos e da própria semiótica. Lembrando a explícita constatação de Morris, Eco afirma que *“algo só é signo se, e tão-somente, algum intérprete o considera signo de algo. A semiótica, portanto, não se ocupa do estudo de um tipo de objeto particular, mas do estudo dos objetos ordinários na medida em que participa da semiose”* (Eco 1997: 148). Semiótica aqui é disciplina cujo mérito está em propor respostas para a produção de significados num contexto semiótico específico: a semiose das trocas sociais. No limite, está a necessidade da comunicação.

Do ponto de vista semiótico, toda e qualquer relação que se processa entre seres, organismos, máquinas – ou ainda entre diferentes agentes, por exemplo, máquinas e seres; organismos e máquinas – são mediações. É a noção de mediação que se volta para um dos pontos-chave da comunicação: a problemática da troca, das relações.

### **Comunicação ou mediação?**

Do ponto de vista das teorias da comunicação, uma das investigações mais conseqüentes sobre o fenômeno da mediação no contexto cultural, onde os próprios sistemas

de codificação sofrem modificações, foi aquele desenvolvido pelo professor colombiano Jesus Martin Barbero. Ao encaminhar o entendimento da mediação para o contexto da recepção, Barbero descobre na ação mediada uma atividade que nasce de relações dinâmicas criadoras de responsabilidade. O que interessa para a análise semiótica é o fato de que, quando fala em relação, Barbero acolhe um campo de possibilidades onde estão pressupostas as mais diferentes formas de codificação e de recodificação que apontam para o reordenamento cognitivo anunciado, quer dizer, a interação entre sistemas de diferentes codificações. Vale dizer, um campo de atividade responsiva animada pela análise. Tal concepção altera completamente o conceito de recepção das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, abrindo espaço para a abordagem semiótica. O estudo mais significativo nesse sentido é aquele que entende a recepção não como reação fruto de uma causalidade, mas como atitude responsiva dinâmica e, por isso mesmo. Recepção como uma espécie de intervenção semiótica transgressora que, em vez de impor passividade, obriga a reordenação sígnica. O que me chamou atenção para essa esfera de pensamento foi um depoimento de análise de suas próprias concepções. Vou tomá-la como ponto de partida para a análise.

Eu, desde o começo, por intuição, me opus à visão hegemônica, norte-americana, de estudar os efeitos dos meios. Eu não negava a importância dos meios, mas dizia que era impossível entender a importância, a influência nas pessoas, se não estudássemos como as pessoas se relacionavam com os meios. O que eu comecei a chamar de mediação eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Não havia exclusivamente um indivíduo ilhado sobre o qual incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. Tínhamos que deixar as crianças ilhadas, na frente da televisão, e ver como reagiam. Essa é a visão de Pavlov, do estímulo-resposta. Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana (2000: 154).

Não se trata de uma força exterior que atua como forma de impacto mas de reordenamento cognitivo que leva em conta os universos semióticos dos indivíduos em suas relações com os meios de transmissão e os tornam interpretantes, criadores de novos signos, novas mediações. Isso que está *entre* a pessoa e o meio não se define por nenhum dos extremos. Esse é o ponto chave da mediação. O *espaço intervalar* assume-se como lugar potencial de intervenção no fluxo comunicativo, de interferências do contexto cultural onde resposta não é reprodução de comportamento mas desvio capaz de criar posicionamentos. Na seqüência de seu depoimento, mostra como a mídia televisual, que foi consagrada em todos os

campos teóricos como a grande responsável pela consolidação da cultura da imagem, iniciada pela revolução da fotografia e do cinema, no contexto latino-americano inverte totalmente as previsões. Porque nessa cultura, grosso modo, dominam interferências culturais nada similares ao contexto americano, as relações que se processam no intervalo são evidentemente diferentes do que pode fazer crer a teoria centrada na potencialidade do meio. Ao proceder a análise da recepção televisual considerando o modo como as pessoas se relacionam com a mídia, Barbero constata a prevalência não do código visual, mas da oralidade. Diante da televisão, as pessoas se comportam como se estivessem ouvindo rádio. Assistir a programas televisuais como se fossem programas de rádio implica produzir diferentes níveis de semiose. Compreender a natureza e caráter da força mediadora da oralidade que interfere na relação com o meio audiovisual é o desafio que se coloca para a análise semiótica.

Não vamos tratar aqui da problemática do analfabetismo semiótico que a situação aflora este, aliás, o centro da preocupação pedagógica de Barbero. Ler imagem televisual na interface de sua codificação sonora e visual implica o desenvolvimento de competências semiótico-textuais que estão longe igualmente do legado escolar (ver a propósito, Eco). O que me interessa nesse momento é o processo da mediação que acontece no intervalo da passagem de uma codificação para outra em que o meio visual perde essa dimensão e é modelizado como meio sonoro. Do ponto de vista da comunicação, em vez de cumprir a trajetória que vai da fonte ao destino, a informação se realinha no espaço intervalar. Com isso, a linha direta codificação-descodificação é rompida para dar lugar à recodificação. Não se trata sequer de tomar o código como pré-existente e definido de uma vez por todas, mas como algo que também sofre a função mediadora. E tem mais. A recodificação é atividade responsiva que altera os papéis nas trocas comunicacionais de emissão e recepção: ao recodificar uma mensagem o receptor assume o papel do emissor. A recepção não é uma reação passiva, mas uma atitude responsiva – uma mediação dialógica que só pode acontecer num circuito de responsabilidade. Esse é um encaminhamento que propõe desafios para a abordagem *semiótica da recepção*.

Tomemos um exemplo concreto. Todas as culturas que têm na televisão uma mídia potencial de informação – a ponto de constituir a chamada cultura eletrônica – revela um modo particular de semiose na transmissão de mensagens. Por exemplo, as transmissões ao vivo de grandes acontecimentos nacionais. Recentemente, no Brasil, assistimos, ao vivo, à acareação de políticos envolvidos em atos de corrupção de votos em sessão plenária da câmara dos deputados. Painel eletrônico, lista impressa de votos, interlocução televisual – eis os sistemas semióticos que registrou o episódio. Como os cidadãos acompanharam o exame

da fraude e a tomada de decisões? Tão somente através da oralidade mediada. Embora os sistemas semióticos envolvessem mídia eletrônica e impressa, aos cidadãos só restava o sistema tradutório da oralidade mediada. Com base nela é que nos foi dado o direito de conhecer a situação. A recepção desse episódio não pode prescindir de sua constituição semiótica. Acaso pudemos ter acesso ao painel ou aos documentos impressos? Não, fomos reduzidos àquilo que a voz eletrônica semioticizou. O que conhecemos desse episódio é tão somente a mediação semiótica.

O campo das mediações definido como espaço intervalar exige o amadurecimento de algumas questões, particularmente a que nos interessa mais de perto: a relação entre comunicação e semiótica. Estamos longe de apresentar uma conclusão sobre o tema, mas é possível fechar essa fase preliminar do pensamento para que ele possa ser discutido e avaliado em suas implicações.

### Referência Bibliográfica

- Ceccatty, Max de (1991). *Comunicações celulares e comunicações humanas*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Eco, Umberto (1997). *Kant y el ornitorrinco*. Barcelona: Lumen.
- \_\_\_\_ (1975). *Trattato di semiotica generale*. Bompiani: Milan.
- Hauser, Marc D. (1996). *The evolution of communication*. Cambridge: The MIT Press.
- Jakobson, Roman (1971). *Lingüística e comunicação* (trad. I. Blikstein e J.P. Paes). São Paulo: Cultrix.
- Lotman, Iuri (1978). *A estrutura do texto artístico* (trad. M.Carmo V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.
- \_\_\_\_ (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- \_\_\_\_ (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio* (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- Lotman, I.; Uspenskii, B.; Ivanov, V. (1981). *Ensaio de semiótica soviética* (trad. V. Navas e S. T. Menezes). Lisboa: Horizontes.
- Machado, Irene (1999). Texto & gêneros: fronteiras. In *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas.
- Manetti, Giovanni (1993). *Theories of the Sign in Classical Antiquity*. Bloomington: Indiana University Press.
- Martín-Barbero, Jesús (2000). Comunicação e mediações culturais. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan-jun. 2000, pp.151-163.
- Nöth, Winfried (1995). *Handbook of Semiotics*. Indiana University Press, 1995.
- Sebeok, Thomas A. (1997). Comunicação. In. *Comunicação na era pós-moderna* (Monica Rector e Eduardo Neiva, orgs.). RJ: Vozes.
- Volochinov, Valentin (1986). *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard University Press.

### Irene de Araujo Machado

Professora do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Atua na investigação semiótica de extração russa. Semiótica da cultura e das mídias, Ecossemiótica, Epistemologia da comunicação são algumas das linhas de pesquisa que recebem sustentação dentro desse campo teórico. Publicou, dentre outros, *Analogia do dissimilar: Bakhtin e o formalismo russo* (Perspectiva, 1984); *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin* (Imago, 1994). É Editora Científica de *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. Integra o comitê científico da revista *De Signis* (Madrid) e colabora com a revista *Sign Systems Studies* (Universidade de Tartu, Estônia).

